



Boletim Conjuntural Semana 36/2026 – 03 de setembro de 2026

OCUPAÇÃO DO SOLO.....	2
FLORICULTURA.....	2
MILHO.....	3
FRANGOS.....	4
BOVINOS.....	6
OVOS.....	6

O boletim conjuntural desta semana traz dados atualizados do uso do solo no estado, o ritmo de implantação da safra de grãos e as oscilações do mercado de proteínas animais, especialmente nas vendas externas.

No planejamento territorial e nas culturas do campo, o Paraná registrou a maior cobertura florestal nativa desde a década de 1980, conciliando a preservação da mata com a expansão da soja sobre antigas áreas de pastagem. O aumento da mata nativa não foi impeditivo para o avanço do VBP rural no estado.

Também com avanço no VBP, o segmento da floricultura mantém presença constante na renda rural, impulsionado por gramados, plantas ornamentais e orquídeas.

No início da safra de verão, o plantio da primeira safra de milho avança dentro da janela ideal sob chuvas favoráveis, com concentração dos trabalhos no Sul e Sudoeste do estado, liderados pelos núcleos de Ponta Grossa e Guarapuava.

Nas proteínas animais, a avicultura de frango vive momento histórico: o país expande seus embarques e o Paraná consolida a liderança nacional nas vendas externas, impulsionado pelo maior volume exportado e pela forte demanda chinesa. Na bovinocultura de corte, a valorização dos animais de reposição — sobretudo o bezerro — é sustentada pela oferta restrita de matrizes, embora confinadores demonstrem cautela perante o mercado externo.

Por outro lado, as exportações do complexo de ovos registraram retração acumulada no ano. O resultado foi impactado diretamente pela queda drástica nos embarques para os Estados Unidos, motivada pela manutenção de barreiras tarifárias norte-americanas impostas no ciclo anterior, o que levou os exportadores a redirecionarem volumes para mercados como o Chile.

Boa leitura!



OCUPAÇÃO DO SOLO

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

A formação florestal do Paraná cresceu de 5,31 para 5,32 milhões de hectares em relação ao ano anterior, de acordo com a coleção 11 do MapBiomass, divulgada em agosto e referente a 2025. Apesar do aumento moderado de 9 mil hectares, trata-se da maior cobertura florestal registrada no estado desde 1986 (5,36 milhões de hectares).

A mudança de uso do solo mais expressiva de 2024 para 2025 foi o recuo de 57 mil hectares de pastagens, convertidas predominantemente em lavouras — uso que cresceu 61 mil hectares, impulsionado pela expansão da soja. A agricultura também ocupou parte dos 5 mil hectares antes destinados à silvicultura. Juntas, pastagens, silvicultura e lavouras, bem como seus mosaicos de usos, reduziram 14 mil hectares, abrindo espaço para a regeneração da mata nativa.

Embora o uso agrícola ainda predomine no estado (13,56 milhões de hectares), sua extensão atual permanece abaixo do pico histórico registrado em 2000 (14,12 milhões de hectares). A soja reforçou sua liderança, atingindo 6,02

milhões de hectares e substituindo áreas de pastagem, que caíram para 3,45 milhões — mantendo uma trajetória de queda observada desde 1987 (6,60 milhões). A silvicultura, por sua vez, ocupa 1,22 milhão de hectares, próximo do teto de 1,25 milhão registrado em 2022.

Nos últimos 25 anos - a despeito de uma breve interrupção entre 2020 e 2022 - , a cobertura de florestas nativas no Paraná subiu de 25% para 27% do território e as áreas urbanas subiram de 1% para 2%, enquanto a ocupação agrícola encolheu de 71% para 68%. O cenário mostra a viabilidade da conciliação entre preservação e produção, visto que o VBP rural do Paraná cresceu 181% em termos reais no mesmo período.

FLORICULTURA

Eng. Agrônomo Paulo F. de Souza Andrade

A Primavera que se inicia em 22/09 às 21:05hs, findando um inverno atípico com precipitações e temperaturas acima da média além dos dez tornados que impactaram os paranaenses. No dealbar da nova estação analisaremos os números da Floricultura Paranaense em 2025.



Boletim Conjuntural Semana 36/2026 – 03 de setembro de 2026

Sendo um estado eminentemente produtor de grãos, cereais e proteínas animais, a participação floricultura é mínima nos negócios do campo, apresentando-se como um traço estatístico de 0,13% do Valor Bruto da Produção Agropecuária/VBP, com numerários de R\$ 271,0 milhões, frente aos R\$ 212,6 bilhões do indicador no estado. Em relação ao ano anterior, houve um acréscimo de 0,9%, quando os valores deflacionados foram de R\$ 268,5 milhões em 2024.

Os gramados com valores de R\$ 162,9 milhões (60,1%) e as plantas perenes ornamentais gerando R\$ 32,5 milhões (12,0%) representaram 72,1% do VBP dos produtos do segmento, já as orquídeas (R\$ 20,1 milhões) e os crisântemos (R\$ 13,8 milhões) participaram com 7,4% e 5,1% do total financeiro, em sequência.

Associadas as espécies elencadas acima, a Flor do Deserto com R\$ 5,8 milhões e 2,1% do montante e as mudas para arborização, em parcela de 1,9% e R\$ 5,2 milhões, somam 90,9% do VBP total dos produtos da floricultura paranaense. Outras 35 espécies complementam a análise.

Em valores brutos de R\$ 58,1 milhões, a floricultura propriamente dita

abrange 31 espécies e participa com 21,5% dos valores brutos gerados no campo.

Os Núcleos Regionais (NR) de Curitiba e Maringá agregam 56,2% dos valores obtidos, que somados aos NRs de Londrina (10,7%), Toledo (10,4%) e Cascavel (8,0%) somam 85,3% do VBP da floricultura no estado, sendo a distribuição espacial da produção conectada a espécies específicas.

Sob a perspectiva local, os municípios de Marialva, São José dos Pinhais, Mandaguari, Agudos do Sul e Sertãoópolis, com 15,2%, 9,2%, 5,2%, 4,7% e 3,8%, respectivamente, abrangem 38,1% dos valores brutos obtidos pelo segmento no Paraná. Outros 94 municípios exploram a atividade no Estado.

MILHO

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

O produtor paranaense de milho aproveitou as duas últimas semanas para realizar o plantio da primeira safra de milho 2026/27. As condições climáticas favoráveis, com chuvas regulares e bem distribuídas, possibilitaram o avanço do plantio. Nesta semana, dos 373 mil hectares estimados para este ciclo, já foram



Boletim Conjuntural Semana 36/2026 – 03 de setembro de 2026

plantados mais de 67 mil hectares, correspondentes a 18% da área estimada. Esse ritmo de plantio está em linha com o observado nas últimas safras e dentro do calendário ideal preconizado pelo ZARC (Zoneamento Agrícola de Risco Climático).

A primeira safra de milho é predominantemente plantada na região mais ao sul do Estado, que concentra mais de 57% de toda a área plantada. Na sequência, vem a região Sudoeste, com pouco mais de 24% de participação. A principal região produtora é Ponta Grossa, que, individualmente, representa quase 20% da área total, com 72,8 mil hectares. A segunda região com maior participação é Guarapuava, onde deverão ser plantados pouco mais de 59 mil hectares, representando 16% da área total estimada para o Estado.

FRANGOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Com Paraná na liderança, exportações de frango do Brasil avançam 15,9% no acumulado do ano. O setor avícola brasileiro registra números históricos nas exportações de carne de frango em 2026, impulsionado pelo

aumento do volume embarcado e pela valorização do preço médio internacional.

De acordo com dados do sistema Agrostat Brasil, do Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), o país exportou 518.089 toneladas em julho de 2026, somando produtos in natura e processados. O resultado representa uma alta de 30,6% em relação às 396.616 toneladas registradas em julho de 2025. A receita cambial do mês somou US\$ 987,99 milhões, valor 35,1% maior na comparação direta com o mesmo período do ano anterior, que atingiu US\$ 731,30 milhões.

No acumulado dos primeiros sete meses do ano, o faturamento total alcançou US\$ 6,565 bilhões, representando um crescimento de 15,9% frente aos US\$ 5,463 bilhões registrados de janeiro a julho de 2025. O volume total embarcado também cresceu 15,9%, somando 3.363.092 toneladas contra 2.902.504 toneladas do ano anterior. Esse resultado positivo reflete a combinação do maior volume exportado com a elevação de 3,7% no preço médio da tonelada, que subiu de US\$ 1.882,19 para US\$ 1.952,01.

A carne in natura, composta por cortes e frangos inteiros, manteve a hegemonia da pauta exportadora ao



Boletim Conjuntural Semana 36/2026 – 03 de setembro de 2026

responder por 88,1% do volume total (2.963.467 toneladas) e gerar US\$ 5,843 bilhões em receita, registrando altas de 15,2% em volume e 19,9% em faturamento. As miudezas representaram 9,6% dos embarques (322.012 toneladas), enquanto os produtos industrializados corresponderam a 2,3% (77.613 toneladas).

Entre os estados exportadores, o Paraná consolidou sua liderança nacional ao embarcar 1.431.438 toneladas (+20,4%) e movimentar US\$ 2,626 bilhões (+20,6%). O crescimento da receita paranaense derivou majoritariamente da expansão do volume, visto que o preço médio obtido pelo estado permaneceu estável (+0,1%), situando-se em US\$ 1.834,60 por tonelada. A carne in natura representou 88,4% dos embarques paranaenses.

Na sequência das exportações nacionais, destacam-se Santa Catarina com 760.727 toneladas (+14,0% em volume e +18,6% em faturamento), Rio Grande do Sul com 432.645 toneladas (+9,8% em volume e +19,8% em faturamento), São Paulo com 204.376 toneladas (+13,5% em volume e +27,1% em faturamento) e Goiás com 181.966

toneladas (+18,2% em volume e +23,3% em faturamento).

No mercado internacional, a China permaneceu como o principal destino da carne de frango brasileira entre janeiro e julho de 2026, importando 355.825 toneladas (+57,1%) e gerando US\$ 897,489 milhões (+85,8%). O Japão ocupou a segunda posição com 280.462 toneladas (+16,4%) e US\$ 727,444 milhões (+48,9%), seguido pela Arábia Saudita com 253.485 toneladas (+8,6%) e US\$ 609,482 milhões (+7,1%).

Os Emirados Árabes Unidos figuraram em quarto lugar, com 253.188 toneladas (-10,6%) e US\$ 499,365 milhões (-11,6%), enquanto a África do Sul fechou o grupo dos cinco maiores compradores ao registrar 211.371 toneladas (+57,2%) e US\$ 122,289 milhões (+40,1%). Completam a lista dos dez principais importadores as Filipinas (159.684 t e US\$ 135,280 mi), Países Baixos (148.290 t e US\$ 474,390 mi), México (139.592 t e US\$ 305,467 mi), Coreia do Sul (121.956 t e US\$ 267,293 mi) e Singapura (89.411 t e US\$ 184,110 mi).



Boletim Conjuntural Semana 36/2026 – 03 de setembro de 2026

BOVINOS

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

Os preços dos animais de reposição seguem em alta no mercado brasileiro em 2026, em um cenário de menor oferta e demanda firme para recria e terminação. Conforme análise quinzenal do Cepea, a valorização foi mais acentuada entre os bezerros. Entre janeiro e agosto, os valores, deflacionados pelo IGP-DI, avançaram 7,83% para o bezerro (Indicador CEPEA/ESALQ - Mato Grosso do Sul) e 1,77% para o boi magro, enquanto o boi gordo acumulou alta de 5,89% no mesmo período.

A menor disponibilidade de bezerros foi causada pelo aumento do descarte e abates de fêmeas em momentos de cotações em alta e oferta de animais enxuta, reduzindo a oferta da categoria para reposição. Para o boi magro, a procura por animais de melhor qualidade e com potencial de ganho de peso mantém as cotações sustentadas. Entretanto, a valorização tem sido limitada pela menor demanda dos confinadores, que apresentam maior cautela em 2026 diante das incertezas nos mercados da China, Europa e Estados Unidos e das

perspectivas de rentabilidade da terminação.

OVOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Em 2026, as exportações brasileiras de ovoprodutos registraram uma retração expressiva, acumulando queda de 28,8% em volume e de 9,3% em faturamento nos sete primeiros meses do ano. De acordo com dados do Agrostat Brasil, plataforma vinculada ao Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), o desempenho do mês de julho refletiu diretamente esse cenário de desaceleração: as empresas nacionais embarcaram 3.980 toneladas de ovos, volume 35,8% inferior às 6.195 toneladas registradas em igual mês de 2025. A receita cambial mensal acompanhou a queda, totalizando US\$ 15,514 milhões - uma redução de 11,8% frente aos US\$ 17,581 milhões obtidos em julho do ano anterior.

A dinâmica regional do setor expõe desempenhos distintos entre os principais estados produtores durante o mês de julho. O Paraná, segundo maior exportador nacional no acumulado do ano, registrou o envio de 292 toneladas no mês, retração de 36,5% ante as 460 toneladas embarcadas



Boletim Conjuntural Semana 36/2026 – 03 de setembro de 2026

em julho de 2025, o que resultou em uma queda de 32,7% na sua receita cambial, que passou de US\$ 2,439 milhões para US\$ 1,641 milhão. Em contrapartida, São Paulo, líder nacional na produção e exportação de ovoprodutos, comercializou 1.273 toneladas no mesmo período. Embora o volume paulista tenha apresentado um ligeiro declínio de 5,7% frente às 1.350 toneladas de julho do ano anterior, o faturamento do estado saltou expressivos 45,2%, elevando-se de US\$ 4,424 milhões para US\$ 6,425 milhões.

No balanço consolidado de janeiro a julho de 2026, as exportações totais do "complexo ovos" — categoria que engloba material genético (ovos férteis e pintos), ovos frescos com casca, cozidos, secos, gemas e ovoalbumina — somaram 28.254 toneladas e movimentaram US\$ 112,243 milhões. Esse resultado representa um recuo significativo em relação ao mesmo intervalo de 2025, quando o país havia exportado 39.659 toneladas e gerado US\$ 123,787 milhões em divisas.

Vale destacar que o segmento de ovos férteis para incubação e os ovos frescos com casca seguem como os itens de maior representatividade nas vendas externas do país.

O comportamento do mercado produtor nos primeiros sete meses do ano revelou divergências entre os cinco principais estados exportadores de ovoprodutos. No topo do ranking, São Paulo manteve a liderança com 9.088 toneladas (-4,7%) e receita de US\$ 46,873 milhões (+30,0%), seguido por Minas Gerais, em segundo lugar, com 4.903 toneladas (-24,5%) e US\$ 8,167 milhões (-64,5%). O Paraná ocupou a terceira posição ao embarcar 4.040 toneladas (+4,7%) e auferir US\$ 23,504 milhões (+22,8%). Completando a lista, o Rio Grande do Sul figurou em quarto lugar com 4.017 toneladas (+45,9%) e US\$ 15,245 milhões (+41,1%), enquanto o Mato Grosso ficou na quinta colocação ao registrar 1.895 toneladas (-71,9%) e US\$ 2,415 milhões (-79,8%).

Em relação aos destinos das exportações brasileiras, o Chile assumiu a posição de principal comprador no acumulado de 2026, somando 7.553 toneladas e US\$ 15,966 milhões, o que representa altas expressivas de 206,2% em volume e 128,4% em faturamento sobre os sete primeiros meses de 2025. Na sequência dos cinco maiores importadores figuram o México, com 3.608 toneladas (-



Boletim Conjuntural Semana 36/2026 – 03 de setembro de 2026

15,1%) e US\$ 19,406 milhões (-37,1%); o Senegal, com 2.516 toneladas (+7,9%) e US\$ 14,035 milhões (+16,6%); os Emirados Árabes Unidos, com 1.859 toneladas (+42,2%) e US\$ 2,355 milhões (+4,9%); e o Japão, que importou 1.797 toneladas (+6,9%) e gerou US\$ 4,686 milhões (+14,4%).

O principal fator determinante para o recuo geral das exportações brasileiras em 2026 reside no enfraquecimento drástico das vendas para os Estados Unidos. No mesmo período de 2025, os norte-americanos destacavam-se como os maiores compradores isolados de ovoprodutos do Brasil, absorvendo 18.998 toneladas e gerando US\$ 40,756 milhões. Contudo, entre janeiro e julho de 2026, as aquisições dos EUA desmoronaram para apenas 126 toneladas e US\$ 101.375, registrando retração superior a 99% tanto em volume quanto em receita cambial.

Esse revés comercial tem raízes no cenário geopolítico e sanitário iniciado em meados do ano anterior. Em 9 de julho de 2025, o governo norte-americano anunciou a imposição de uma tarifa adicionada de 50% sobre diversos produtos da agropecuária brasileira, vigorando a partir de 6 de agosto. A medida atingiu

duramente a avicultura de postura em um momento no qual o mercado dos EUA buscava no Brasil o suprimento de ovos para consumo, visando abrandar o desabastecimento interno provocado pelos surtos recorrentes de Influenza Aviária de Alta Patogenicidade (H5N1) que vinham dizimando os plantéis locais.

Embora em novembro de 2025 os Estados Unidos tenham retirado a sobretaxa de 50% para diversos produtos brasileiros, os ovos — juntamente com café solúvel, uva, mel e pescados — continuaram sob o regime tarifário restritivo.

Em suma, os dados evidenciam que a manutenção do tarifaço norte-americano interrompeu o processo de consolidação do Brasil em um mercado comprador estratégico, reduzindo bruscamente o volume embarcado pela avicultura nacional no cenário global.